

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI – UESPI
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E PRÁTICAS DOCENTES:
Possibilidades do uso das novas tecnologias no ensino de história.

PARNAÍBA
2013

ISAAC FONTELES DA SILVA

CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E PRÁTICAS DOCENTES:
Possibilidades do uso das novas tecnologias no ensino de história.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos requisitos parciais para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. Esp. Francisco Antonio Machado.

PARNAÍBA
2013

ISAAC FONTELES DA SILVA

CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E PRÁTICAS DOCENTES:
Possibilidades do uso das novas tecnologias no ensino de história.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos requisitos parciais para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. Esp. Francisco Antonio Machado.

Aprovada em ____/____/ 2013

Banca Examinadora

Prof. Esp. Francisco Antonio Machado Araujo
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Prof^a Esp. Maria Dalva Fontenele Cerqueira
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Prof^a Silvia Maria de Carvalho Cardoso
Examinador Externo

Agradeço a Deus e a meus pais pela vida, a Andreza por me amar e me ajudar no desenvolvimento deste trabalho, ao meu filho Carlos Heitor, ao Prof. Francisco Antonio pela orientação, aos meus amigos de classe.

Literalmente, o ser humano é uma tecnologia em evolução na natureza, mantendo, por isso, seu futuro aberto às novas tecnologias e inovações, sendo sua expressão maior a tecnologia cerebral.

LEWIS (2007)

RESUMO

Este trabalho tem como o objetivo fazer uma análise sobre os professores em relação a utilização das tecnologias no ensino de História. Os sujeitos deste trabalho foram dois professores que trabalham com a disciplina de História na Unidade Escolar “A”. No desenrolar da pesquisa foram feitas referências as transformações do século XXI e as tecnologias na educação (TIC's), inserção das tecnologias no ensino de História e as concepções dos professores em relação ao assunto. As transformações do século XXI e as TIC's na educação mostra a evolução das tecnologias e o as mesmas beneficiaram a educação. A utilização das tecnologias no ensino de história mostra como o manuseio das mesmas beneficia e enriquece a aula dos professores que as usam. As concepções pedagógicas mostram a opinião dos docentes em relação à utilização ou não das novas tecnologias.

Palavras – chave: Tecnologias; Concepções; História; Transformações.

ABSTRACT

This work has as objective to make an analysis of the teachers towards the use of technology in teaching history. The subjects of this study were two teachers who work with the discipline of history in the School Unit "A". In the course of search referrals were made the changes in the XXI century and technology in education, integration of technology in teaching history and conceptions of teachers in relation to the matter. The transformations of the XXI century, and ICTs in education shows the evolution of technology and the education they received. The use of technology in teaching history shows how the handling of the same benefits and enriches the classroom teachers who use them. Pedagogical conceptions shows the teachers' opinion regarding the use or not of new technologies.

Key - words: Technologies, Concepts, History, Transformations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	08
CAPÍTULO 1. AS TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XXI E O NOVO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO -----	12
CAPÍTULO 2. O ENSINO DE HISTORIA E A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NAS ESCOLAS -----	20
CAPÍTULO 3. DISCURSÕES A CERCA DAS CONCEPÇÕES DOCENTES E SUAS PRÁTICAS COM O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA -----	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	30
BIBLIOGRAFIA -----	33

INTRODUÇÃO

Pela Internet

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje
Um barco que veleje

Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut de acessar
O chefe da Mac Milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus para atacar os programas no Japão

Eu quero entrar na rede para contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular

Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar...

(Gilberto Gil)

Como descrito por Gilberto Gil na música pela internet, atualmente muito se discute acerca da inclusão de novas tecnologias da informação. As chamadas novas Tecnologias de

Informação e Comunicação (TIC's), deste modo sem dúvida alguma trazem com sigio um leque de possibilidades, é um campo desafiador, porém também promissor diante do fato de ser um futuro educador na área de história, surge à vontade de desenvolver um trabalho que enfatize a atuação dos profissionais de história e as novas tecnologias ampliando e aproximando a relação existente entre professores e alunos na construção do conhecimento.

Deste modo me deparei com a missão de produzir um trabalho de conclusão de curso e vi uma necessidade de pesquisa com relação a essa temática analisando a verdadeira forma de atuação do professor na vida do aluno algo que pode ser mais bem explicado por Vasconcelos:

“Ser um bom professor significa, por um lado, estar em sintonia com o que a ciência de referência tem produzido. Significa, no nosso caso, conhecer a historiografia, o que os historiadores profissionais têm discutido, têm produzido. Por outro lado, significa também saber como o aluno aprende em cada etapa da vida.” (Moreira; Vasconcelos, 2007, p.27).

Esta problemática deve ser encarada na perspectiva de propormos concretamente novas ações que possibilitem não só mudança de atitudes, visando a superar os aspectos da transmissão do conhecimento de forma estática, factual ou episódica da realidade histórica e cultural como, também, apontar caminhos na reconstrução do ensino de História.

Existem, porém, várias iniciativas individuais e coletivas que colocam os professores e alunos como sujeitos do seu próprio processo, possibilitando uma nova concepção de fazer história tornando o ato do ensino-aprendizagem mais interessante e criativo, contrapondo-se à história tradicional, aos poucos, vão perdendo espaço.

O trabalho não tem o anseio de ajustar os problemas e distorções que se relacionam ao ensino de História, mas de destacar elementos que serviam ao debate que se faz necessário em torno de novas formas didáticas e metodológicas para o ensino de História.

A superação das dificuldades didáticas metodológicas deve ser uma preocupação constante do conjunto de profissionais de História na perspectiva de repensar e fortalecer cada vez mais as analogias entre o que se leciona se pesquisa e se produz apontando a mais perfeita formação do profissional de História que sai da Universidade, um desafio enorme, mas, que os profissionais que atuam na área têm que ultrapassar e se afeiçoar-se dentro dessa nova relação para Alarcão (2010) o ambiente escolar é o lugar onde serão desenvolvidas e trabalhadas as novas competências educacionais.

É apropriado que todo e qualquer tipo de transformação ocasiona propriamente sempre resistência por parte dos sujeitos, que estão ligados a fatores psicológicos de insegurança, que

acontece de tal maneira na prática individual como na coletiva, Antunes (2009) explana que para um grupo obter sucesso será preciso antes de tudo coesão fundamentada a partir da solidariedade das pessoas.

Assim como as rotinas estão situadas elas atribuem uma percepção de segurança, que se anula assim que algum fator de transformação ou ruptura passar a existir.

Neste sentido, este texto vem estimular de adequado modo que aceitemos como aportes extraordinários para o fazer histórico e as contribuições dessas novas formas didático-metodológicas. De tal modo, estaremos colaborando para a constituição do professorado no que diz reverência a sua potencialidade educativa e didática, procurando incrementar uma consciência crítica e responsável sobre o papel e a importância das Novas Tecnologias, enquanto ferramentas de apoio ao ensino de História.

Este é um desafio dos mais importantes, como muito bem observa Edson Armando Silva, em seu artigo Banco de dados e pesquisa qualitativa em história reflexões acerca de uma experiência:

“Que ainda não é possível prever as novas tendências na área de História e Informática em longo prazo. Entretanto, a simples constatação da velocidade das transformações nos permite afirmar, sem medo de errar, que estamos no limiar de um mundo no qual nosso ofício deverá se modificar profundamente e a informatização de nossa cultura deverá influir profundamente em nossa maneira de pensar e produzir história”. (SILVA, 1995, p. 83-84)

Entretanto, isto deve se estabelecer como um dos extraordinários eixos de discussão a respeito dos novos meios de ensino aprendizagem, sua importância e de que modo poderemos adquirir no desenvolvimento do professor de História expandindo ainda a sua área de atuação dentro da metodologia educacional.

Deste modo, a pesquisa situa – se necessariamente no que diz o conceito de compreender a discussão relacionada que se cultiva a uma revisão do ensino de História, propendendo a colaborar para o progresso e admitindo que docentes e discentes possam aprender e arquitetar a história com o emprego de novas soluções didáticas aperfeiçoando as aulas e não substituindo o professor por essas novas tecnologias, mas sim servindo como auxílio durante as aulas:

“Se, com a aparição dos livros, houve questionamentos sobre a legitimidade do professor como “depositário” do saber, o caso das TIC traz à tona a discussão sobre o papel profissional dos professores nos processos de ensino aprendizagem.” (ALONSO, 2008, p.19).

Neste sentido o trabalho tem como objetivos discutir sobre o ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias promovendo uma reflexão, explicitando seus principais fundamentos para a atuação docente.

A fundamentação de teórica deste trabalho esta focado em autores como Demo, Alarcão, Antunes, Gomez, Garcia, Cerezzar, França e Abud, que possuem diferentes visões e contribuições sobre o assunto que possam complementar assim a pesquisa e questão.

Na área atual da educação a cada dia se faz muito importante o desenvolvimento de uma pesquisa de forma científica para assim se formular e conhecer os acontecimentos educativos.

Deste modo foi adotada uma análise que se voltou para a coleta de dados para assim formular uma abordagem qualitativa assim como explica Bogdan e Biklen (1994) essa é uma “metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”. Para estes autores tais formas de pesquisa assumem um poder de interpretação e descrição dos fatos.

Esta investigação se desenvolveu na perspectiva de coletar dados sobre a concepção pedagógica em relação às novas tecnologias feitas de forma sigilosa preservando assim as pessoas que participaram do estudo. (LAKATOS e MARCONI, 1999)

A análise abrangeu o testemunho de três professores que, durante os seus depoimentos buscou se entender e avaliar como eles estabelecem suas sabedorias e as experiências docentes com o emprego das TIC's principalmente no ensino de História. Para resguardar a identificação dos docentes, estes foram mencionados exclusivamente pelas iniciais. A pesquisa constituiu se na Unidade Escolar “A” em Parnaíba, participaram professores do ensino fundamental de 6º ao 9º ano. A análise feita a partir das respostas consistiu se em relação ao referencial teórico apresentado.

A fundamentação teórica ajudará a decifrar as concepções dos professores que foram coletadas no desenrolar da investigação. A partir das mesmas será capaz analisar as divergências e coincidências tanto na teoria como também na prática docente sobre a utilização das novas tecnologias no ensino de história.

Deste modo o trabalho ficou dividido em três capítulos onde o primeiro capítulo no que diz respeito sobre as transformações do século XXI e o que isso proporcionou no ambiente escolar da modernidade apresentado assim as novas mudanças na perspectiva docente.

O segundo capítulo apresenta O ensino de história e a utilização das novas tecnologias nas escolas vem mostrar como todo esse aparato das novas tecnologias mudou o ambiente da disciplina de história dentro da sala de aula.

E o terceiro e ultimo capítulo vem apresentar o resultado da análise das entrevistas sobre as perspectivas dos professores em relação ao tema.

CAPÍTULO 1. AS TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XXI E O NOVO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO

No término do século XX acompanham-se grandes mudanças ocorridas no mundo, tanto no campo socioeconômico e político, quanto no campo da cultura, da ciência e da tecnologia. Evidenciaram-se grandes movimentos sociais, como os que ocorreram no leste europeu no final dos anos 80, culminando com a queda do muro de Berlim. Ainda não se pode fazer ideia clara do que deverá representar, para todos a globalização econômica, das comunicações e da cultura.

As Modificações oriundas da tecnologia possibilitaram o surgimento da era da informação, Hobsbawm (1997), ilustra que com o avanço das tecnologias o homem passou a viver de uma forma diferente, passou se a produzir mais e assim gerar mais qualidade de vida.

Desta forma pode se perceber a grande transformação que o mundo sofreu e vem sofrendo com o advento de novas tecnologias a cada dia.

Assim Dowbor, (1993), caracteriza o novo século como “*o século do conhecimento*”, onde a esfera empresarial moderna precisa cada vez mais da educação para o desenvolvimento, com cursos especializados, organização do espaço científico domiciliar e espaços do conhecimento comunitário, Dowbor, (1993), mostra nas entrelinhas que a educação deve moldará as novas formas de vida assim que é colocada a serviço da comunidade.

O conjunto de instrumentos e, as novas conquistas tecnológicas poderão ser utilizadas, criando assim o processo em que o educador vira mais um facilitador do conhecimento local do que a fonte do saber propriamente dito.

Hobsbawm (2001), com a garantia do sistema econômico capitalista as mudanças na sociedade aparecerão, ou seja, ao promover alterações significativas em suas estruturas, mudando regras de sua ordem interna visando garantir a sua existência produz transformações não apenas no campo econômico, mas também no político, no social e no cultural mundial.

As tensões econômicas e sociais integram o todo das transformações ocorridas no mundo e, refletem-se na constituição da sociedade, alterando as suas relações de poder, convivência e sobrevivência assim explica Hobsbawm (1998), desde a Revolução Industrial no século XVIII, ocorrerão diversas transformações nos meios de produção provocando assim um novo ciclo na vida dessa nova sociedade. A sociedade, a partir de então, constituiu-se na dualidade de duas classes sociais: a burguesia e o proletariado, baseada na exploração imposta pela primeira à segunda classe. Novas formas de poder foram estabelecida e as instituições

sociais passaram a apresentar características de um novo tempo, aumentando as tensões sociais.

A instituição escolar emerge da necessidade da formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho capitalista. Os padrões de comportamento são modificados em prol do desenvolvimento capitalista, caracterizado pela ausência de intervenções do Estado nas relações de trabalho, predominando uma lógica de acumulação do capital pela burguesia, fundada no pensamento econômico liberal.

Alarcão (2010) expõe que, a escola se apresentava a época apenas como uma instituição disciplinadora e formadora de mão de obra para a indústria, pois a primazia desse pensamento se estendeu até fins do século XIX e início do século XX, quando suas bases de sustentação materiais e subjetivas foram solapadas por alguns processos político-econômicos que provocaram o seu enfraquecimento.

Por outro lado, a própria massificação do ensino produziu consequências inesperadas para a sociedade, pois o maior acesso à escolarização num sistema educacional elitista e autoritário não garantiu às camadas populares a obtenção de melhores empregos e salários; a tão sonhada ascensão social por meio da formação escolar foi frustrada em razão da grande desvalorização dos títulos escolares e da reprodução das desigualdades pela escola.

Hobsbawm (1998) convencionou chamar este período de “*A Revolução Cultural do Século XX*”, no qual padrões de comportamento, convivência e relações sociais foram alterados de maneira jamais vista na história e, o modelo de família nuclear burguesa começou a mudar significativamente, bem como as relações entre os sexos e as instituições sociais.

Gomez (1997) aponta uma nova ordem que seria a Revolução Cultural produzindo uma nova concepção de mundo e de sociedade para os séculos XX e XXI, pois:

“O renascimento e a proliferação dos ideais liberais pelo mundo garantiram a manutenção de uma ordem internacional injusta e excludente, com a permanência de imensas desigualdades sociais, o crescimento da distância entre os países centrais e periféricos, a consolidação de ideais conservadores, a valorização da liberdade do comércio, as privatizações em massa e, a restrição do papel do Estado, minimizando sua atuação nas questões sociais”. (GOMEZ, 1997, p.28).

Em outras palavras, a estruturação do sistema capitalista mundial influenciou as relações de poder no interior da família, bem como, alteraram profundamente a sua

constituição e sua relação com a escola. O aparecimento de novos arranjos familiares se deveu em parte às mudanças nos padrões públicos que “governavam a conduta sexual, a parceria e a procriação, sendo uma era de extraordinária liberalização para as mulheres e para os homossexuais, além de outras formas de dissidência cultural-sexual” (HOBSEAWM, 1998).

Garcia (1996), ao falar sobre os novos processos de inovação e modernização do novo século explica que para este processo acontecer ele deverá passar por diversas fase assim com: planejamento, difusão, adaptação, implementação e institucionalização”.

Esta forma de organização requer uma nova forma de atuação e de acordo com as perspectivas que possam ser adotadas sobre esta nova situação irá surgir novos sujeitos no processo ou novos professores.

Diante desta realidade, as transformações que ocorrem na educação atual e conseqüentemente na sociedade, provocadas pela tecnologia, passam a exigir uma adaptação dos indivíduos às novas formas de aprendizagem. Eric Hobsbawm (1998) fala sobre a nova humanidade que surgiu mais culta onde às pessoas passaram a ser mais alfabetizadas a pesar de ainda existir barreiras a serem rompidas.

O novo cenário mundial apresenta se a partir do século XXI oferecendo inúmeras transformações tecnológicas devido à globalização da tecnologia, trazendo consigo a expansão das comunicações inserindo no cotidiano das pessoas fazendo com que as informações e os conhecimentos cheguem com maior frequência e intensidade por meio dos computadores e da internet. Hobsbawm explica isso:

“(...) devido o surgimento dessa nova sociedade com uma população mundial muitas vezes maior do que jamais vista antes na história da humanidade, com uma redução drástica da população agrícola, em face do êxodo maciço do campo e do aparecimento de cidades gigantescas” (HOBSEAWM, 2001, p.38).

Essas novas ferramentas oriundas deste processo de evolução, trouxe uma maior interação entre os meios de comunicação, informação e expressão. Para Demo (2009), “literalmente, o ser humano é uma tecnologia em evolução na natureza, mantendo, por isso, seu futuro aberto às novas tecnologias e inovações, sendo sua expressão maior a tecnologia cerebral”.

Com tudo o uso dessas novas tecnologias é iminente, por conta que já se pode observar a transformação nas relações humanas em todas as suas dimensões econômicas e sociais e com a educação não poderia ser diferente. Hoje pode se observar a tentativa das pessoas em canalizar essas novas tecnologias em prol do conhecimento, discutindo a sua

melhor aplicação assim explica Demo (2009) ao se referir que para existir uma boa aprendizagem se faz necessário mudanças bem profundas em relação a paradigmas anteriores.

Com base na fala de Garcia (1996), é aceitável assegurar que o ingresso das TIC's na educação não será avaliado exclusivamente como uma modificação tecnológica, não constitui meramente a troca do quadro negro ou livro didático pelas novas tecnologias, mas como fala Pontes (2004), com a aparição das novas tecnologias, surgiu uma nova ferramenta criativa para professores e alunos onde os mesmos podem usa las de maneira livre melhorando a perspectiva de ensino – aprendizagem.

A entrada dessas tecnologias na educação do século atual esta associada, segundo Teodoro (1991), "a mudança do modo como se aprende mudanças das formas de interação entre quem aprende e quem ensina, à mudança do modo como se reflete sobre a natureza do conhecimento".

O educador entra como um orientador, um intermediário de conflitos, gerando mudanças nos educandos, por meio de pensamentos críticos. E estes por sua vez, bem guiados se transformam em pessoas boas, logo modificam o mundo que está sobre o entorno do mesmo, Para Demo (2009), a sala de aula mudou deixou de ser apenas um local de transmissão de conhecimento de forma tradicional passando a ser um local onde os alunos viriam buscar o conhecimento.

Nos primórdios da segunda metade do século XX, educadores e políticos idealizaram uma educação internacionalizada, conferida a uma boa coordenação, a UNESCO. As nações altamente desenvolvidas já tinham universalizado a educação de ensino fundamental e extinguido o analfabetismo.

Os princípios nacionais de educação originaram um bom impulso, desde o século que passou, permitindo inúmeros planos de educação, que atenuaram custos e ampliaram os benefícios. A tese de uma educação internacional já existia desde 1899, quando foi fundado, em Bruxelas, o “Bureau Internacional de Novas Escolas”, por iniciativa do docente Adolphe Ferrière. Por consequência, conseguimos hoje uma boa unidade nos princípios de ensino.

Pode se dizer que ultimamente todos os sistemas educacionais do mundo contam com uma estrutura básica muito parecida. No fim do século XX, o universo da globalização deu novo impulso à ideia de uma educação igual para todos, agora não como título de justiça social, mas exclusivamente como parâmetro curricular comum:

“Esta geração está impulsionando transformações na própria estrutura educacional existente. A escola tradicional já não mais corresponde aos anseios da formação do Novo Homem (Cidadão Planetário), e toda a

sociedade impele uma mudança no paradigma da escolaridade vigente. O próprio mercado de trabalho está passando por profundas modificação, o perfil do trabalhador se modificou brutalmente no final do século XX. Para isso, é necessário que os indivíduos se conscientizem acerca das novas habilidades que eles deverão desenvolver. Em vista de todas estas transformações na própria estrutura educacional, nas exigências do mercado de trabalho, é imprescindível abordar os aspectos mais nobres do novo Cidadão Planetário em evolução, que é a sua responsabilidade diante do planeta e seu senso de cidadania”. (RODRIGUES, 1999, p. 69).

O mundo que hoje se molda aos nossos olhos como um desafio ao mundo mal pago da educação, ao tempo em que se desponta como uma grande ocasião para catalisar a constituição de modificações educacionais. É um desafio quando nos encontramos com os novos panoramas mundiais distinguidos, respectivamente, pelos amplos avanços científicos e tecnológicos, pelas amplas vitórias da humanidade e por uma incrível técnica de desumanização de nossa história, em colocação da crescente centralização de renda, recursos e riqueza entre pessoas, empresas e países. Distingue-se como ocasião quando observamos a potencialidade que as novas tecnologias da informação e da comunicação oferecem no sentido de possibilitar um amplo salto nas formas de arranjo, de armazenamento e de procura de dados indispensáveis ao método de constituição de conhecimento. Para Mamede – Neves (2004):

“É recorrente a visão de que as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) são capazes, por elas mesmas, de promover informação, comunicação, interação, colaboração e, em consequência disso, de construir novos conhecimentos.” (MAMEDE – NEVES, 2004, p.57).

Com o auxílio da tecnologia, pode se ter o mundo no interior da sala de aula, os mais diversos experimentos caros e perigosos, demonstrar processos, interações, coletar dados, informações e trabalhar de forma cooperativa. Toda esta potencialidade centralizada tem pouco proveito.

Os princípios educacionais até o presente momento não obteve o julgamento satisfatório sobre o impacto da comunicação audiovisual e da informática, seja para a informação, para bitolar ou dominar as mentes. Trabalha se, ainda, com soluções habituais que têm apelo insuficiente para as crianças e jovens. Para Demo (2009), o professor deve antes de fazer indagações sobre as novas tecnologias estar ciente sobre o que é e como as mesmas funcionam.

Aqueles que protegem a informatização da educação apoiam que é necessário modificar fortemente as metodologias de ensino para reter no cérebro humano o que lhe é característico, a competência de raciocinar, em vez de ampliar a memória. Para estes, o papel

da escola ficará, cada vez mais, a de instruir a pensar criticamente. Para isso é necessário dominar ao mesmo tempo metodologias e linguagens, inclusive, a linguagem eletrônica. Desta maneira surge o novo papel da educação na sociedade atual ligando assim à nova probabilidade de responder, com alguma rapidez, à inclusão de meios técnicos e de uma flexibilidade maior às condições de acesso a currículos, metodologias e material. PONTE (2004).

Outro caminho, embora esses desafios tão amplos que temos pela frente brota à chance de a educação rever os métodos de construção do conhecimento, repensar cuidadosamente os métodos educacionais vigentes e tentar compreender melhor o que seja o processo de construção da aprendizagem.

“Com a aparição dos livros, houve questionamentos sobre a legitimidade do professor como “*depositário*” do saber, o caso das TIC traz à tona a discussão sobre o papel profissional dos professores nos processos de ensino/ aprendizagem”. ALONSO (2008, p.10).

Deste modo faz se indispensável analisar cuidadosamente o paradigma subjacente às técnicas pedagógicas e, ao mesmo tempo, usar adequadamente as soluções tecnológicas que estão disponíveis, no sentido de criar uma revolução tecnológica em favor de um apoio maior de conhecimento, reorganizando, novos ambientes culturais, científicos e tecnológicos.

Nesta nova comunidade informatizada a escola convém de orientação para o conhecimento, ultrapassando a visão utilitarista de só ofertar informações “úteis” para gerar a concorrência, para obter resultados. Ela necessita oferecer uma formação comum na direção de uma educação integral. Esta nova escola precisa nortear criticamente, principalmente as crianças e jovens, na procura de conhecimento que os faça crescer, tornando os capazes de compreender qualquer coisa.

A escola do século XXI necessita ter um projeto que faça a sua própria inovação, planejar-se a médio e em longo prazo, inventar sua própria reestruturação curricular, formar seus parâmetros curriculares, enfim, ser cidadã.

“O problema da inovação escolar, mais que as questões sobre o uso das TIC’s, apontam para a incorporação de ideário que possa, ao mesmo tempo, recriar o cenário escolar, ensejando uma lógica que afirme o papel da escola nos processos de ensino/aprendizagem, confirmando práticas pedagógicas que poderão, ou não, ser afetadas pelas TIC’s.” (PONTE, 2004, p.70)

As transformações que vieram do interior das escolas são mais duradouras. Da sua competência de inovar, gravar, sistematizar a sua técnica, a sua experiência, estará a sujeito do seu futuro. Nesse contexto, o docente é um intermediário do conhecimento diante do aluno que é o sujeito da sua própria constituição, para Demo (2009), o aluno é a principal ferramenta do processo de ensino aprendizagem. Ele necessita criar o conhecimento a partir do que faz. Para isso ele também deve ser curioso, procurar a definição para o que faz e apontar novos sentidos para “*o que fazer*” dos seus alunos.

A escola está desafiada a modificar a lógica da construção da informação, pois a aprendizagem agora toma toda a nossa vida. E porque passamos todo o tempo de nossas vidas na escola necessitamos ser felizes nela. A felicidade na escola não é uma questão de opção metodológica ou ideológica. É uma obrigação efetiva dela. O mundo de hoje é adepto à satisfação e a escola também pode ser.

É preciso instituir uma nova conexão entre comunicação, informação e educação, em particular envolvendo os processos de formação, no sentido de criar novos espaços do conhecimento capazes de viabilizar novos projetos educacionais que possam dar uma contribuição para a formação desse novo perfil de aluno, para Alarcão (2010), as escolas precisam criar a consciência de que as mesmas precisam se reinventar.

Quando as rotinas ficam formadas elas confiam uma sensação de segurança, que se quebra quando determinado fator de mudança ou ruptura brota como apresenta Demo (2009, p. 16) “de certa maneira a que tomemos como aportes importantes para o fazer histórico e as contribuições de novas formas didático-metodológicas”.

Desta forma, estaremos colaborando para a formação do professor no que diz respeito ao seu potencial educativo e didático, procurando desenvolver uma consciência crítica e responsável sobre o papel e a importância de ensinar história.

“Considera a ideia de aprendizagem associada ao construtivismo, onde não é difícil perceber que, quando aprendemos de forma não mecânica, estamos efetivamente construindo de forma direta um conhecimento que será sempre ferramenta para as conquistas de outros conhecimentos.” (ANTUNES, 2009, p.159)

Contudo a escola pode ofertar ao aluno um ensino que lhe permita o conhecimento e a compreensão das relações de tempo e espaço; ou seja, pelo conhecimento da temporalidade das relações sociais, das relações políticas, das formas de produção econômica, das formas de produção da cultura das ideias e dos valores.

Ferreira (1998, p.19) explica abalizando sobre essa nova sociedade onde “os descobrimentos feitos a cada dia façam os conhecimentos científicos ficarem extrapoladas num pequeno ambiente de tempo”, deste modo não pode ser aceita que a escola, ambiente em deveria ser produzido esse conhecimento, seja colocada de lado ficando de fora destas fontes de informação não sendo capaz de orientar a sua utilização:

“Uma saída que pode ser usada para reaver o interesse dos alunos é fazer com que ele possa se reconhecer naquilo que lhe é ensinado isso poderia ser feito a partir da utilização das coisas que os próprios alunos têm nas mãos, principalmente o computador e a internet, a utilização destas ferramentas pode interligar o aluno, o ensinamento e a realidade, já que para os alunos aprenderem bem é preciso os professores aprenderem bem” DEMO (2009, p.110)

O docente tem a função de constituir no educando um senso crítico maior, que passe a interrogar mais, que este venha a instruir-se a pensar e sobre a cobrança dos outros professores uma educação de mais qualidade, pois para Alarcão (2010), O conhecimento é algo que surge a partir de uma necessidade dos sujeitos.

Deste modo, as novas tecnologias, agregada a uma boa proposta pedagógica de ensino aprendizagem e avaliação, são de ampla autoridade a partir da ocasião em que são vistas como instrumentos educacionais, pois como diz Antunes (2009) antes de interferir em algo é preciso antes compreender, podendo assim a mesma ser facilitadora da aprendizagem, tornando-se intermediárias, por promover ao educando edificar seu próprio conhecimento, na qual ele incide a ter a função ativa e não mais passiva, procurando definir suas obrigações, para que possa ser um cidadão crítico e reflexivo na conjuntura da atual educação do século XXI.

CAPÍTULO 2. O ENSINO DE HISTORIA E A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NAS ESCOLAS

Inicialmente, o homem despontou se capaz de transmitir o conhecimento adquirido com as suas descobertas. Assim foi com o fogo, com a roda, com a filosofia das civilizações clássicas e com a religião do medievo.

Ao passar os anos, constituíram se inovações em relação à transmissão do conhecimento para a posteridade. Desta maneira foram criadas as primeiras instituições de ensino na Grécia Antiga como aponta Libâneo (1994) considera se uma nova forma para a ação pedagógica estruturando assim o ensino. Desta forma se objetivavam de fixar e conduzir o conhecimento dos filósofos.

Séculos após, os conventos assim como mosteiros, foram os precursores do ensino e ampliação do conhecimento religioso, apesar de restrito a um grupo qualificado de pessoas, assim como descreve Libâneo (1994):

“(...) ligações entre ensino aprendizagem e suas leis ocorre no século XVII, quando João Amós Comênio (1592-1670), um pastor protestante, escreve a primeira obra clássica sobre didática, a Didática Magna”. Libâneo (1994,p. 65)

Na modernidade, além destas teorias, havia uma preocupação igual com o ensino da etiqueta. Os ensinamentos do docente como centro do ensino se baseiam na reprodução mecânica e arquivamento dos conteúdos, o discente iria participar deste processo, o ensino separava a vida da realidade. A forma de ensinar igual a que conhecemos, no qual um professor transmite os conhecimentos adquiridos a uma parcela de discentes, de ambos os sexos, dependendo de sua faixa etária, etc. é contemporânea ao tempo ao qual vivemos. Apesar de ser moderna a instituição por si só, o modo de um mestre ter seus discípulos a quem repassa o conhecimento, é mais do que antiga. Somente a estrutura é uma novidade. Por dentro, tudo ainda se mantém, em alguns lugares, com os mesmos problemas que existiam, quando estes não pioraram.

O ensino de História vem acompanhando as mudanças mundiais mantendo se assim uma nova perspectiva sobre o assunto, onde o mesmo necessita a cada dia de uma nova forma de se ensinar e compreender os fatos históricos desta maneira cita Schimidt e Cainelli, ao se referir as transformações da sociedade contemporânea associada às novas perspectivas

historiográficas, como também a relação entre história e memória, tem dado estímulo ao debate sobre o que se faz necessário aos novos conteúdos e novos métodos de ensino de História.

Mas justificativa de um ensino desinteressante e ineficaz vem desde a formação dos docentes, isto explica se por estes receberem o conhecimento nas IES e só o transmitem pronto e acabado aos discentes modificando transformando estes exclusivamente em espectadores e receptores do conhecimento, o grande conjunto de variáveis pode ter a responsabilidade do relativo insucesso da renovação do ensino de história onde pode se destacar o principal dos mesmos em relação ao descaso que vem sendo tratada a educação brasileira”. Masetto (2003, p. 13)

Pode desta maneira criar uma atmosfera de despreendimento para alunos e professores afetando assim o ensino de história e criando a impressão nos discentes apenas de algo recorrente onde não há uma alteração, ou seja, uma disciplina com conhecimentos apenas para decorar.

Os profissionais da área percebem a história como algo métrico que tem um início, meio e fim, como se a história significasse o passado negando o presente, porque o mesmo este sendo construído, recusando assim a história do tempo presente, “É nesse contexto que podemos falar do significado da formação do professor e do cotidiano na sala de aula, do seu dilaceramento, embate e fazer histórico.” (GOMES 1997, p. 103)

Na atualidade o caso será aos poucos mudado, principalmente por ações de pessoas da área que tem o preocupante papel de incorporar um senso crítico ao ensino de ensino de história com novas abordagens e formas de se aprender sobre o passado instituindo se assim uma melhor condição nos critérios de ensino aprendizagem, não se sabendo apenas a matéria mais como ensina-la na sala de aula onde a mesma não é apenas o espaço onde se transmite informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos.

A superação das dificuldades didáticas metodológicas é uma preocupação constante do conjunto de profissionais de História no aspecto de repensar e fortalecer cada vez mais as analogias entre o que se ensina se pesquisa e se produz visando assim uma melhoria na formação do profissional de História que sai da instituição de ensino superior (IES), um desafio de grandes proporções, mas, os profissionais atuantes na profissão precisam superar e adaptar-se dentro dessa nova relação, Alarcão (2010, p.56) explica ao falar: que as escolas são os locais onde se adquire e se desenvolve essas novas competências. O que concretiza se é

uma resistência persistente por parte dos indivíduos que sempre aparecem ao tempo das novas transformações.

Quando as rotinas encontram-se situadas elas atribuem uma percepção de segurança, que se anula quando algum fator de transformação ou quebra aparece. De certa maneira a que tomemos como aportes importantes para o fazer histórico e as contribuições de novas formas didático-metodológicas. Assim, estaremos contribuindo para a formação do professorado no que diz respeito ao seu potencial educativo e didático, procurando incrementar uma consciência crítica e responsável sobre o papel e a importância de ensinar história.

No Brasil a História é implantada em 1837, como disciplina escolar da escola secundária, na fundação do colégio Pedro II. Neste mesmo ano nasce o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), responsável por estabelecer a origem nacional, por meio a buscar uma identidade para a nação recentemente formada. “Enquanto aquela escola fora criada para formar os filhos da nobreza da corte do Rio de Janeiro e prepara – lós para o exercício do poder, cabia ao IHGB construir a genealogia nacional, no sentido de dar uma identidade a nação brasileira.” KATIA ABUD.

O IHGB era responsável pela produção manuais didáticos usados nas escolas para difundir a história do Brasil. Nesta ocasião a importância ocasiona a propagação e dispersão da nacionalidade para se instituir uma identidade no povo brasileiro, trabalho atribuído à elite. “As classes dirigentes se atribuíam o direito de escolha do passado, visto como um caminho percorrido pela humanidade em direção progresso, iluminado pelo conceito de nação” KATIA ABUD.

A constituição da história nacional foi construída a partir da hierarquização de fatos, como uma forma de se construir um passado a partir de acontecimentos distintos. Estes moldes nortearam a os programas e currículos, como expõe Kátia Abud, “essa forma de se apresentar a história de forma linear com um conhecimento pronto e acabado manteve nos currículos brasileiros até bem recente”.

Já em 1930 depois de reformas no plano educacional com a criação do MEC e outras reformas no ensino a história, criou-se um modelo para o ensino de história para todo o país com ênfase na história geral, isso no ensino secundário já no elementar era proposto à substituição da história e geografia por estudos sociais.

A partir das mudanças que vinham ocorrendo passou-se a se modificar os currículos e manuais didáticos adaptando-se aos temas que geravam discussão a época como a industrialização, a urbanização e a identidade nacional.

Durante o golpe militar a historia sofre o seu maior golpe ficando substituída junto com a geografia pelos estudos sociais a partir da lei n. 5692/71. Esta disciplina junto com educação moral e cívica apresentava o papel de explicar esta forma de governo que se implantara, a partir desta diluísse os conhecimentos de historia sendo atribuídas apenas às historias dos reis, heróis e batalhas; os escravos praticamente sumiram 400 anos de historia lembrados apenas pela lei áurea; do desaparecimento dos indígenas fica sem explicação, mas se comemorava o dia do índio. “De modo geral, rejeitava – se os Estudos Sociais, que pretendiam – tirando da História e Geografia seus métodos próprios de produção de conhecimento – excluir do ensino as possibilidades de crítica a realidade brasileira.” KATIA ABUD.

Este modo como foi proposto a historia perdurou ate meados dos anos 80 só partir do processo de redemocratização é que tivemos algumas mudanças na forma de se ver e estudar a historia. Reformas curriculares aconteceram a partir de discursões e questionamentos.

Contudo, as várias alterações que a disciplina de historia passou durante todos os momentos, atingiram o ensino de História, mas é necessária a afirmação da importância da disciplina de historia no currículo escolar proporcionando e desenvolvendo os alunos como sujeitos conscientes na pratica da cidadania.

No trabalho pedagógico do ensino de História segundo os parâmetros curriculares nacionais PCNs não existe menção ao uso das tecnologias, ou seja, o aluno vai ficar restrito à utilização de livros e outros documentos. A inserção das tecnologias no ensino de História pode começar com a utilização do computador que vai, certamente, possibilitar aos alunos apropriarem-se de valores que os levem a compreender o passado e possibilitando uma análise crítica do presente. Segundo Ferreira (1999, p. 135), o computador no ensino de História deve ser utilizado para o desenrolar e o desenvolvimento de habilidades como criatividade, coordenação motora, percepção visual e auditiva.

Como se observa, o computador pode ser utilizado de maneira muito criativa pelos alunos e nessa perspectiva, segundo Figueiredo (1997) ampliam se os horizontes através de pesquisas em sites via internet, visitas a museus, consulta a arquivos históricos, propiciando momentos jamais alcançados anteriormente e transforma a disciplina de história dinâmica e criativa. Os alunos têm condições de entrar em contato com outras pessoas, trocar experiências, construir conceitos coletivamente, a partir do contato com diversos sujeitos. O trabalho do pesquisador/professor altera-se, pois as tarefas trabalhosas e demoradas antes da utilização dos computadores passam a ser mais fáceis e ágeis. Através da informática existem

infinitas atividades a serem realizadas o que certamente, poderá possibilitar transformar a disciplina de história em matéria dinâmica e não repetitiva.

Esta perspectiva de disciplina do passado se dá a partir da precariedade da educação pública e é consequência da forma em que o conhecimento é passado para os alunos. O método utilizado pela maioria dos professores não sofreu alteração enquanto as novas gerações buscam outra forma de aprender. Por viverem nas condições mais variadas estes alunos não veem como aquele ensinamento transmitido pode ser adequado à sua realidade. É possível perceber, desta forma, uma elevação cultural de determinados grupos sociais e, conseqüentemente, a desvalorização de outros. Assim como diz Cerezer 2007:

“Nesta nova conjuntura educacional não se pode mais admitir ver a escola como um local apenas de inserção de manifestações e posições dominantes, mas sim de uma escola que prima por concepções mais amplas, uma vez que a escola é um local destinado à formação de cidadãos que passaram a conviver em uma sociedade com condições políticas e culturais múltiplas e variadas.” CEREZER (2007, p.55).

Este aluno perde o interesse pela educação devido aos problemas do Sistema Educacional Brasileiro como a "Progressão Continuada", que se baseia na não reprovação do aluno, assim, ele acaba passando por uma etapa da construção do seu conhecimento mesmo quando o seu desenvolvimento em determinada matéria escolar é ruim. Isso acaba causando, também, uma abnegação do professor já que o sistema de ensino não permite sua autonomia na transmissão do conhecimento.

O professor também se desinteressa pelo ensino devido ao salário baixo recebido em diversas regiões do país, assim, tenta aumentar sua renda atuando em várias instituições, de vários períodos do dia e com o aumento dessa carga horária não encontra tempo para que ele atualize seu conhecimento e a forma de transmiti-lo, tornando a sua aula exaustiva, retrógrada e, algumas vezes, de nível inferior assim como pensa Simon, 2006, criando a necessidade de se inventar outro modelo educacional diferente do atual de memorização, repetição de fatos e o professor exclusivo detentor do conhecimento.

A história deve ser colocada não como algo neutro, mas sim como lugar de debates e até de conflitos um campo de pesquisa e de produção de conhecimentos. No ensino de historia o objetivo é voltado a compreender e interpretar as várias versões dos fatos do acontecimento e não apenas memorizar e decora ló, o aluno tem que ser critico e questionar.

Nessa medida a História seria entendida como um processo social em que todos os homens estariam nele engajados como seres sociais. De outra parte, é fundamental que se estabeleça a relação do passado e do presente, isto é, que os estudos não se restrinjam apenas

ao passado, mas sim que este seja entendido como chave para a compreensão do presente, que por sua vez melhor esclarece e ajuda a entender o passado. Aqui duas funções se evidenciam como básicas nos estudos da história: capacitar o indivíduo a entender a sociedade do passado e a aumentar o seu domínio da sociedade do presente.

Sob esse enfoque, não tem sentido um ensino de História que se restrinja a fatos e acontecimentos do passado sem estabelecer sua vinculação com a situação presente; como não têm sentido analisar os acontecimentos atuais sem buscar sua gênese e sem estabelecer sua relação com outros acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais ocorridos na sociedade como um todo. Não é possível, portanto, analisar fatos isolados. Para entender seu verdadeiro sentido é imprescindível remete-los à situação socioeconômica, política e cultural da época em que foram produzidas, reconstituídas suas evoluções na totalidade mais amplas do social até a situação presente.

Assim a escola pode oferecer ao aluno um ensino que lhe possibilite o conhecimento e a compreensão das relações de tempo e espaço; ou seja, pelo conhecimento da temporalidade das relações sociais, das relações políticas, das formas de produção econômica, das formas de produção da cultura das ideias e dos valores.

Desta forma Ferreira explica apontando sobre essa nova sociedade onde: “as descobertas feitas a cada dia façam os conhecimentos científicos ficarem extrapoladas num pequeno espaço de tempo.” não pode ser admitida que a escola, ambiente em deveria ser produzido esse conhecimento, seja colocada de lado ficando de fora destas fontes de informação não sendo capaz de orientar a sua utilização.

Uma saída que pode ser usada para reaver o interesse dos alunos é fazer com que ele possa se reconhecer naquilo que lhe é ensinado isso poderia ser feito a partir da utilização das coisas que os próprios alunos têm nas mãos, principalmente o computador e a internet, a utilização destas ferramentas pode interligar o aluno, o ensinamento e a realidade. O professor de história tem o papel de criar no aluno um senso crítico maior, que passe a questionar mais, que este venha a aprender a pensar e cobrar dos outros professores um ensino de mais qualidade.

Neste sentido, se faz necessário, por conseguinte, que os professores de história sobrevenham a compreender que as metodologias de inovação, procedidos da ocupação dos recursos tecnológicos, servirão para oxigenar a prática docente. É evidente que estamos explicitando sobre aqueles que continuarem estranhos a esta nova realidade, pois, “esses equipamentos não substituirão o professor, mas o professor com perfil tradicional, pelo menos nas

escolas de clientela de maior poder aquisitivo estará, certamente com os dias contados”. (NIKITIUK, 1996, p.52)

Nesta perspectiva, o ensino de História necessita estar precavido sobre as transformações advindas dessa nova realidade, permitindo ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se acerta no mundo, qualificando-o para ser, incluso nesta nova perspectiva, um cidadão pleno, consciente e disposto para as novas analogias trabalhistas. Para que isto aconteça, este ensino deve estar em acordo mútuo com o nosso tempo.

As inovações tecnológicas são criações sociais que remodelam sociedades. Aspectos diversos como trabalho, capital e tempo vêm sendo resinificados e têm exercido influência mútua com a presença das chamadas tecnologias da informação e da comunicação.

Ainda que essa perspectiva venha sendo apontada como a desejável em diversos estudos brasileiros, ela é uma realidade distante na maioria das escolas. Andressa Andrade, em sua dissertação de mestrado (2007), mostra que: “equipamentos interativos de última geração têm incrementado salas de aulas como uma imposição para educandos e educadores transformando potencialidades em obrigações” (ANDRADE, 2007, p.98).

Nelson Pretto (2008) também chama a atenção para a necessidade de qualificação no uso das tecnologias:

“A presença de tecnologias mais simples, como os livros impressos, ou de outras mais avançadas, como os computadores em rede, produzindo novas realidades, exige o estabelecimento de novas conexões que as situem diante dos complexos problemas enfrentados pela educação, sob o risco de que os investimentos não se traduzam em alterações significativas das questões estruturais da educação.” NELSON PRETTO (2008, p.110).

Com tudo pode se observar é que apesar dessas novas tecnologias sem uma atualização dos professores para usar as mesmas, tudo isso não terá muita utilidade.

Alonso (2008) lembra que é preciso pensar o ensino de História de maneira integrado à tecnologia. Sendo um dos caminhos possíveis para conciliar o desenvolvimento social, visando à formação histórica do aluno, pois essas máquinas não podem ser vistas na concepção tecnicista, na qual se resume a técnica pela técnica, uma vez que o mundo tecnológico de hoje não é uma máquina absurda, que está aio para escravizar a mente. Este mundo precisa ser entendido e interpretado à luz das visões extraídas do homem para ler a história.

3. DISCURSÕES A CERCA DAS CONCEPÇÕES DOCENTES E SUAS PRÁTICAS COM O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Como já exposto, o interesse deste trabalho está em se questionar o papel do educador frente aos recursos tecnológicos, quais são as implicações trazidas pela inserção e utilização desses recursos na sala de aula em relação à formação e atuação do professor e, por consequência, dos educandos, ambos, entendidos como construtores e co-autores do processo de ensino e de aprendizagem e responsáveis por sua efetivação (em linhas democráticas de acesso e obtenção do conhecimento científico e tecnológico) por meio da análise das interferências (benéficas ou não) da tecnologia como artefato e mentefato no contexto imediato da sala de aula e, mais amplamente, na organização da sociedade e seus interesses

11014
em suas dimensões técnico-científicas, político-econômicas, humanas e naturais. Segundo Postman (1992):

“O que precisamos para refletir sobre o computador nada tem a ver com sua eficiência como ferramenta de ensino. Precisamos saber de que maneira ele vai alterar nossa concepção de aprendizado e como, em conjunção com a televisão, eliminará a velha ideia de escola.” POSTMAN (1992, P.135)

Questionados sobre as dificuldades sentidas quanto à utilização de tecnologias em seu cotidiano profissional, citaram a falta de preparo técnico; a ausência de uma linha teórico-metodológica para auxiliá-los na sua atuação e planejamento; sentem receio de não corresponderem às expectativas dos alunos e também mencionaram o número de aulas e conteúdos a serem trabalhados percebem dificuldades de compreensão, por parte dos alunos, do(s) conteúdo(s) trabalhados por meio dos recursos tecnológicos.

Quanto à disponibilidade de recursos tecnológicos como projetor de multimídias, aparelhos de DVD, televisores, computadores com acesso à internet, todos concordam que há estes recursos disponíveis.

Referindo-se à frequência de uso desses recursos, estes disseram utilizá-los sempre. Em relação ao objetivo dessa utilização, estes solicitam trabalhos aos alunos para realizarem pesquisa de seu interesse alguns os utilizam para a realização de aulas “diferentes” e participam no contexto escolar via e-mail, site etc.

Ainda quanto à atualização constante do professor em relação ao domínio e uso de tecnologias, concorda que esta deve acontecer, pois para o mercado de trabalho é um diferencial de atuação considerando que não se pode conceber um profissional da educação que não domine os recursos da tecnologia entendendo que a tecnologia, por dinamizar o aprendizado, torna-se um elo criativo de interação, de diálogo, de aprendizagem entre professores e alunos onde estes disseram que o domínio de recursos tecnológicos é mais uma forma de mediar o conhecimento e torna as aulas mais interessantes para os alunos. Instados a responder se considerariam positivo, na sua disciplina, incluir o assunto “tecnologia” como conteúdo, todos disseram que sim, e entre as justificativas, a interpretação que mais se evidenciou foi a de que a tecnologia tem sido usada cada dia mais, ou seja, seu valor de uso imediato, técnico-instrumental.

Na auto-avaliação de seus conhecimentos acerca do domínio e uso de recursos tecnológicos, numa escala de 0 a 10, os professores tiveram uma média ponderada de 7,2, sendo que 10% dos professores atribuíram-se nota 10; 30% nota 8; 40%, nota 7, e 20%, nota 5,0.

O professor D.S. falou sobre a época que esteve na Universidade, onde não se ensinava como utilizar as novas tecnologias voltadas ao ensino de história. O que o mesmo veio a aprender sobre as TIC's foi fora do ambiente universitário. Desta maneira o mesmo veio a revelar algumas propriedades um pouco reservadas quanto à utilização das tecnologias, uma vez que Ferreira (1999) determina que o panorama ficasse maior ao acrescentar as tecnologias no ensino de História servindo para ampliar a capacidade criadora, organizar a vida escolar, fazer apresentações mais dinâmicas, motivar a pesquisa, dentre outras:

“A tecnologia no ensino de história pode ser trabalhada em dois vieses: um é o comum a todas as disciplinas, a de facilitar o trabalho do professor que pode contar com recursos tecnológicos para economizar tempo em sala de aula (fazendo uso de transparências ou de arquivos JPEG que apresentam o conteúdo que outrora seria escrito a mão no quadro de giz); o segundo é de enriquecimento da discussão através da aproximação de dados da realidade dos alunos, ou apresentação de forma mais enfática de algum dado do conteúdo (por exemplo, pode-se citar um filme que marcou determinado período histórico, ou pode-se passar em sala de aula um trecho interessante do filme, sendo este último bem mais marcante para os alunos).”

Dentro desta perspectiva o mesmo professor apresentou vantagens na utilização das novas tecnologias no ensino de História ao falar sobre:

Os novos métodos vem facilitar o trabalho do docente. Na questão da História, a tecnologia descomplica o trabalho da explanação de fontes, quando é interessante fazer um trabalho coletivo. Em meio a toda essa

informação é aceitável remover dados que se agreguem ao ensino de História na sala de aula. Esta ação fica atraente em dois sentidos, ajuda os discentes a trabalharem parte das informações a que tem acesso de forma a evadir da provável alienação, assim como torna as aulas mais interessantes na medida em que se aproxima da realidade e dos conhecimentos prévios dos alunos. A tecnologia em sala de aula, seja qual for das transparências ao *pendrive*, deve sempre estar associada ao objetivo de construção do conhecimento em sala de aula.(2012)

No final do seu depoimento permanece aberto que a utilização das tecnologias em História fica agregada à constituição do conhecimento dentro da sala de aula. Isso se faz lógico com Brito e Purificação (2006) “educação e tecnologia pode proporcionar ao sujeito a construção do conhecimento, preparando-o para saber criar artefatos tecnológicos, operacionalizá-los e desenvolvê-los”.

O Professor C.P. veio a falar sobre a utilização das tecnologias na educação:

“Dentro da sala de aula usamos diversas tecnologias que facilitam a aprendizagem, basicamente a fala, à escrita, o uso de imagens, independente do suporte (quadro, retroprojeter, papel, vídeo, TV, computador), com a intenção de promover uma comunicação com os alunos que os conduza à apropriação de conhecimentos e desperte a curiosidade e o senso crítico. As tecnologias digitais não só apresentam-se como facilitadoras desse processo (pela praticidade, redução de espaço e de tempo, acesso à informação), como também, representam uma aproximação com o universo da maioria dos alunos que, dispondo dos meios apreciam a utilização dessas tecnologias tanto pelo professor, quanto para desenvolver seus trabalhos escolares.”

Na fala acima citada pode se ver aparentemente que o professor dá muito destaque às tecnologias, que de acordo com Brito e Purificação (1997), onde isto não irá garantir uma forma eficiente de se desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, mas isto deveria ser a alavanca para as inovações pedagógicas a serviço da construção de saberes.

Ao prosseguir com o depoimento, o mesmo professor ainda vem a falar sobre o que sente com a inserção das tecnologias no seu cotidiano. Elevem a tecer críticas aqueles professores que pouco ou não utilizam as novas tecnologias por não conseguirem usa as mesmas. Assim, se faz admirável que as tecnologias sejam introduzidas num pequeno espaço de tempo e a formação do docente não pode ficar desalinhado com o progresso das TIC's.

“O que percebo no cotidiano da escola é que muitos professores não utilizam as tecnologias digitais com tanta frequência, talvez por comodismo, ou falta de qualificação, e preferem que os alunos não disponham dessas facilidades, uma vez que não passam de reprodutores de textos e imagens, só que de uma forma mais moderna. O que precisamos é compreender essa nova dinâmica e como podemos usar as novas tecnologias em favor de uma educação que permita o amplo acesso à informação produzida, bem como a produção de novas ideias, de como fazer uma boa pesquisa, escrever melhor, produzir vídeos, enfim, a reeducação para uma nova dimensão do conhecimento.”

O professor G.B. assim se expressar:

O docente tem várias opções metodológicas, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos presencial e virtualmente, de avaliá-los. É importante mostrar aos alunos o que vamos ganhar ao longo de um determinado período. Procurar motivá-los para aprender a progredir, valorizando sua participação, estimulando o processo de aula-pesquisa e para as tecnologias que iremos utilizar, entre elas, por exemplo, o vídeo e a internet. É importante neste processo dinâmico de aprender pesquisando, utilizar todos os recursos, todas as técnicas possíveis pelo professor, por instituição, por classe: integrar as dinâmicas tradicionais com as inovadoras, a escrita com o audiovisual, o texto seqüencial com o hipertexto, o encontro presencial com o virtual. Desta forma altera-se a relação de espaço, tempo e comunicação com os alunos. O processo de comunicação e aprendizagem continua na sala de aula, mas pode ser ampliado na Internet, no *e-mail*.

O professor que fala acima nos remete as várias possibilidades que as TIC's oferecem para os alunos e que os mesmos venham a tirar o máximo de vantagem da utilização das mesmas. É importante destacar aqui o pensamento de Sancho e Hernmandéz (2006, p. 36) que assim fala a respeito que o uso das tecnologias signifique uma transformação educativa, os professores terão que mudar e redesenhar seu papel na escola atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo como proposto inicialmente, a presente pesquisa intitulada **CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E PRÁTICAS DOCENTES: Possibilidades do uso das novas tecnologias no ensino de história**, surgiu com o intuito não de estigmatizar as deficiências ou falhas no percurso ensino-aprendizagem ou formular um modelo perfeito, porém agir como interlocutor ao evidenciar elementos que possibilitem um novo olhar amparando-se nas novas tecnologias podendo assim reconstruir metodologias que possam contribuir para o ensino de História.

Durante o percurso de caracterização foi destacado o quanto é preocupante a insegurança por parte de alguns educadores da área em encarar o desafio de debruçar-se as infinitas possibilidades de uso das tecnologias como ferramentas de construção de conhecimento.

Verifica-se a velocidade que o mundo vivencia as novas tecnologias, o campo do saber Histórico é profundamente influenciado, deste modo foi explanado como as novas tecnologias podem auxiliar no ofício de professor, que deve ser encarado não como uma forma de substituição, mas, sim de complementação de facilitação do ensino de História e do saber em geral.

Ao discutir novas abordagens para o ensino de história, consideramos as contribuições metodológicas decorrentes das novas tecnologias como elementos importantes para a construção histórica.

Os recursos tecnológicos, quando usados corretamente, constituem-se em ferramentas de apoio para a apresentação, construção e transmissão do conhecimento histórico produzido na academia.

Isso resulta na investigação científica, possibilitando novas formas de apreensão, uma vez que estes recursos audiovisuais despertam a atenção dos alunos, tornando-os mais interessados, contribuindo para a melhoria da aprendizagem, estabelecendo uma relação de interação com o conteúdo entre professores e alunos do ensino fundamental, médio e superior.

Apesar da manutenção do ensino ainda centrado numa perspectiva conservadora e positivista da história, temos a possibilidade não só de contestar e romper com esta lógica estabelecida, mas, também, propor mudanças de concepções que devem vir não só do professor, como da História, do homem, da sociedade e das práticas pedagógicas.

O ensino de História nas últimas décadas sofreu grandes modificações, uma proposta de criticidade consegue penetrar horizontes reflexivos com grau de criticidade tremendo, atualmente o rompimento com o ensino tradicional decoreba é nítido, porém ainda há uma grande resistência ao novo olhar de se produzir e ensinar história, observa-se, com esta pesquisa, o quanto professores ao experimentar métodos como ao assistir um filme ou visualizar slides os discentes conseguem materializar no plano da consciência mundos, situações, fatos que somente lido ou ouvido não faziam tanto sentido.

Possibilidade, é uma palavra chave no estudo em questão, existem infinitos educadores nas diversas áreas do conhecimento como o mesmo receio em trabalhar com as novas tecnologias da informação, dentro de um certo ângulo é perceptivelmente compreensivo, como sempre houve resistência com o novo, não seria diferente com o ensino de história.

Porém, é necessário destacar que as ferramentas disponibilizadas pelas TIC's não podem ser utilizadas meramente como objeto reprodutor dentro do processo ensino – aprendizagem, o fato por exemplo de se passar um filme não significa, processo concluído se não houver criticidade, diálogo, autonomia.

Formar cidadãos críticos não alienados, atentos ao seu papel dentro do ambiente social, é uma tarefa desafiadora, para todos os docentes que realmente estão comprometidos com o ensino.

Poder analisar discursos de três profissionais da área em questão foi surpreendentemente importante para a pesquisa, pois se verifica em testemunhos de professores dentro do espaço Parnaibano. As principais queixas e conclusões a cerca da implementação das tecnologias no ensino de História, verificou-se dentro das principais conclusões o fato de que embora não sendo contrario a implementação, podendo servir como alavanca, porém não acreditava que realmente chegasse ao objetivo proposto ensino-aprendizagem.

Os principais objetivos deste trabalho foram realizados onde houve discursão sobre o ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias criando assim a reflexão e explicitando seus principais fundamentos para a atuação docente.

Utilizando-se do referencial teórico proposto inicialmente composto por grandes autores como Demo, Alarcão, Antunes, Gomez, Garcia, e Abud (entre outros) pautou-se o desenvolvimento do trabalho na parte histórica, conceituação, discussão e pesquisa de campo, onde os objetivos foram alcançados com sucesso.

Explicitou-se a análise teórica sobre o tema em questão no corpo do trabalho, buscou-se saber através da pesquisa de campo qual a concepção que os professores atuantes possuíam a respeito do tema baseados nas suas vivências. Demonstramos que a teoria e a prática se distinguem bastante e que a utilização das TIC's na sala de aula ainda não são exploradas da melhor forma possível. É claro que devemos considerar que a utilização das novas tecnologias está percorrendo um longo caminho onde seu crescimento é fato, e sua essência pode sim contribuir beneficentemente para a atuação do professor e o processo de ensino-aprendizagem.

Em vista disso, as análises decorrentes do estudo esperam ter contribuído de alguma forma para a reflexão do posicionamento frente às novas tecnologias.

Concluindo, percebe-se que por meio do trabalho o emprego das TIC's contribuem para melhoria do sistema educacional, no sentido em que melhora a qualidade do ensino e consequentemente da aprendizagem e que a boa formação dos futuros professores é fundamental nesse processo, pois será a base de quem atuará futuramente. Com o desenvolvimento deste trabalho, tanto na parte teórica, em que conheci e explorei novas leituras, quanto na parte prática, por meio da pesquisa de campo, foi possível refletir sobre como se chega à construção de conceitos teóricos a partir da realidade encontrada.

Este estudo sem dúvida tem as limitações que um trabalho de conclusão de curso não consegue superar, porém fica como contribuição à possibilidade de que outras pesquisas na área retomem esta discussão com outras populações de educadores, bem como a possibilidade de que os cursos de formação de docentes repensem a articulação entre teoria e prática em seus cursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Kátia. **Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola Secundaria.** In: BITTENCOURT, Circe (Org). *O Saber histórico na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2001.
- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CEREZZER, Oswaldo Mariotto. *Mestre em Educação e Professor do Departamento de História. Da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) - Campus Cáceres. Formação de Professores e Ensino de História: Perspectivas e Desafios. Revista Espaço Acadêmico, nº77 Outubro de 2007 Mensal Ano VII.*
- DEMO, Pedro. *Educação Hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades.* São Paulo: Atlas, 2009.
- FRANÇA, Cyntia Simioni & SIMON, Cristiano Biazzo. **Como Conciliar Ensino de História e Novas Tecnologias?**
- HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital: 1848-1875.** 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: Europa, 1789-1848.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira; VASCONCELOS, José Antonio. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de história.** Curitiba: Ibplex, 2007.
- NUNES, Silma do Carmo. **Concepções de Mundo no Ensino de História.** São Paulo, Papyrus, 1996.
- PONTE, J.P.(2004). **Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios?.** <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/800/80002404.pdf>.
- SILVA, Marcos A da. **História: o prazer em ensino e pesquisa,** Brasiliense, São Paulo, 1995.
- TEODORO, V. **Educação e Computadores.** Portugal, Ministério da Educação, DOWBOR, L. **O Espaço do Conhecimento. In: A revolução Tecnológica e os Novos Paradigmas da Sociedade.** Belo Horizonte: IPSO, 1993.1992.